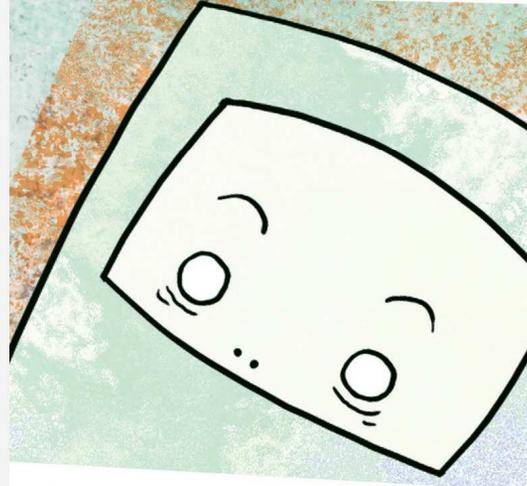


ROTEIRO DE PRÁTICAS LEITORAS PARA A ESCOLA II

QUADRINHOS:
DA LEITURA DA IMAGEM
AO TEXTO ESCRITO

1º e 2º anos do ensino fundamental

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
Eliana Teixeira
Lucas Werschedet Rodrigues



Coleção Mundo da Leitura

ROTEIRO DE PRÁTICAS LEITORAS PARA A ESCOLA II

QUADRINHOS DA LEITURA DA IMAGEM AO TEXTO ESCRITO

1º e 2º anos do ensino fundamental

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
Eliana Teixeira
Lucas Werschedet Rodrigues

2011





UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

José Carlos Carles de Souza

Reitor

Neusa Maria Henriques Rocha

Vice-Reitora de Graduação

Leonardo José Gil Barcellos

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Lorena Terezinha Geib

Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Agenor Dias de Meira Júnior

Vice-Reitor Administrativo

UPF Editora

Carme Regina Schons

Editora

Zacarias Martin Chamberlain Pravia

Editor das Revistas Institucionais

CONSELHO EDITORIAL

Altair Alberto Fávero

Alvaro Della Bona

Ana Carolina Bertoletti de Marchi

Andrea Poletto Oltramari

Carme Regina Schons

Cleiton Chiamonti Bona

Elci Lotar Dickel

Fernando Fornari

Graciela René Ormezzano

João Carlos Tedesco

Renata Holzbach Tagliari

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani

Sergio Machado Porto

Zacarias Martin Chamberlain Pravia



Copyright © Editora Universitária

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing

Beatriz Calegari Segal

Revisão de Texto

Zero3 Comunicação e Design

Produção da Capa

Zero3 Comunicação e Design

Projeto Gráfico e Diagramação

Assessoria de Imprensa UPF

Acervo Mundo da Leitura

Fotos

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, as imagens, tabelas, quadros e figuras são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Beneficiário de auxílio financeiro da CAPES - Brasil

CIP – Catalogação na Publicação

R821r Rösing, Tania Mariza Kuchenbecker
Roteiro de práticas leitoras para a escola II : quadrinhos : da leitura da imagem ao texto escrito : 1º e 2º anos do ensino fundamental / Tania Mariza Kuchenbecker Rösing, Eliana Teixeira, Lucas Werschedet Rodrigues. – Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.
52p. : il. ; 24 cm. – (Mundo da leitura)

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7515-778-7

1. História em quadrinhos. 2. Cultura. 3. Leitura - Prática. 4. Leitura - Desenvolvimento. I. Teixeira, Eliana. II. Rodrigues, Lucas Werschedet. III. Título. IV. Série.

CDU : 028.1

Catalogação: Bibliotecária Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

UPF EDITORA

Campus I, BR 285 - Km 171 - Bairro São José

Fone/Fax: (54) 3316-8373

CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil

Home-page: www.upf.br/editora

E-mail: editora@upf.br

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Introdução.....	19
Prática Leitora no Mundo da Leitura.....	21
Registro Iconográfico.....	25
Prática Leitora na Escola	
Atividade 1: Reconhecendo a linguagem quadrinizada.....	27
Atividade 2: Os quadrinhos como uma arte sequencial.....	29
Atividade 3: Identificando as onomatopeias.....	33
Atividade 4: Os sentidos das palavras.....	37
Atividade 5: Linguagem verbal e não verbal.....	41
Referências.....	45
Sugestões de Leitura.....	47



Possibilidades de aprimoramento da leitura no contexto da escola

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing*

“A situação dos professores perante a mudança social é comparável à de um grupo de actores, vestidos com trajes de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. Uma nova encenação pós-moderna, colorida e fluorescente, oculta a anterior, clássica e severa. A primeira reacção dos actores seria a surpresa. Depois, tensão e desconcerto, com forte sentimento de agressividade, desejando acabar o trabalho para procurar os responsáveis, a fim de, pelo menos, obter uma explicação. Que fazer?”

José M. Esteve

Diversidade de leitura e tipos de leitor

As possibilidades de leitura são infinitas na atualidade. Leitores com maior ou menor experiência de leitura apresentam interesse e entusiasmo diferenciados, mais ou menos intensos, diante da oportunidade de realizarem práticas singulares de leitura. Leitores de diferentes idades manifestam-se de forma distinta em meio à diversidade de materiais de leitura. Entre as hipóteses que podem ser levantadas sobre desempenho de leitura, encontram-se leitores mais avançados em idade cuja preferência recai sobre o texto impresso, em especial sobre o livro, prática desenvolvida desde o século XVI. Emocionam-se com o contato com o papel e o cheiro que este exala; chamam-lhes a atenção detalhes presentes no formato do livro e entre os elementos que compõem a capa; desperta-lhes interesse o tipo de letra, a disposição do texto na “mancha” em que se constitui

*Doutora em Letras pela PUC/RS. Professora do Curso de Mestrado em Letras da Universidade de Passo Fundo/RS. Coordenadora do Centro de Referência de Literatura e Múltiplos da UPF.





a página. Detém-se nas ilustrações, nas técnicas empregadas, nas fotografias. São pessoas que reservam não apenas em suas vidas, mas no lugar onde residem, ou mesmo onde trabalham, espaço especial para guardá-los. Essa realidade leva-nos a entender que esses leitores desenvolvem uma leitura individual, silenciosa, meditativa, desautomatizada. É o *tipo de leitor cognominado por Santaella como contemplativo, meditativo*:

Esse tipo de leitura nasce da relação íntima entre o leitor e o livro, leitura do manuseio, da intimidade, em retiro voluntário, num espaço retirado e privado,, que tem na biblioteca seu lugar de recolhimento, pois o espaço de leitura deve ser separado dos lugares de divertimento mais mundano. Mesmo quando se dá em tais lugares, o leitor se concentra na sua atividade interior, separando-se do ambiente circundante. (SANTAELLA, 2004, p. 23)

Tal classificação não significa que esse leitor desenvolva apenas um sentido para sua leitura. Não significa também que seja leitor de um livro só. Envolve-se com livros de qualidade os quais permitem-lhe acumular grande experiência de leitura, ao mesmo tempo em que lê em quantidade. Essa atividade leitora ampliada assume, no cotejo entre os textos, importância maior para o leitor na apreensão dos conteúdos e na apropriação de significados que construiu no desenvolvimento de sua cidadania: “esse primeiro tipo de leitor é aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras.” (SANTAELLA, 2004, p. 24)

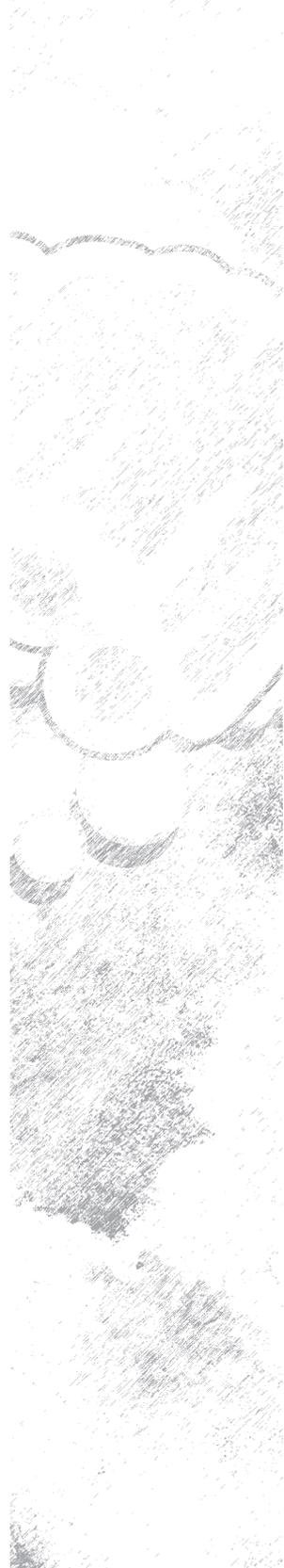
Na condição de cidadãos, de habitantes da cidade portanto, contatamos com pessoas que circulam nos mais diferentes grupos sociais, nos mais diversificados contextos, pertencentes a origens variadas, culturalmente distanciadas. Todos e cada um mantemos identidades específicas. Enquanto mediadores de leitura, a partir da percepção de mundo enquanto metáfora de texto universal, temos a oportunidade de vivenciar leituras específicas, ao mesmo tempo que convivemos com outros que

apresentam olhares únicos, irrepetíveis, na leitura que fazem do mundo em que vivem. Estamos conscientes de que os outros configuram-se também como tipos de leitor entre os quais se destaca o que circula na diversidade da população de uma cidade de pequeno e médio portes, ou mesmo na complexidade das multidões que habitam as grandes cidades. Manifesta esse outro tipo de leitor interesse singular pelo ineditismo das notícias de seu bairro, de sua cidade e que se ampliam para o país e para o mundo, divulgadas em jornais, entre as mídias disponíveis a cada momento histórico, a cada etapa da inovação tecnológica. Envolve-se com imagens num verdadeiro mosaico imagético-sígnico que muda com a velocidade peculiar a cada fase da história da humanidade. Na continuidade da interlocução teórica com Santaella, podemos identificar este segundo tipo como leitor movente, fragmentado:

[...] aquele que nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos. É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel. É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais. É, enfim, o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas, fugazes. Mistura que está no cerne do jornal, primeiro grande rival do livro. (SANTAELLA, 2004, p. 29)

A viagem à interioridade do ser, percorrida na leitura realizada pelo leitor meditativo, que propicia a contemplação do surgimento de nuances do imaginário, (re)criadas nesse espaço profundo, assume outra aparência em se tratando de um leitor movente, fragmentado: ao efetivar a leitura, encontra signos verbais em meio a imagens, sons e movimentos apresentados em ritmos diferentes e, muitas vezes, com maior velocidade, mesclando real e imaginário.

O final do século XX e a primeira década século XXI são



marcados pela riqueza do envolvimento de nativos digitais, ou mesmo de migrantes do impresso para o digital, com telas:

Telas, entendidas como metonímia dos multimeios, não são objeto da aura de que o livro se revestiu ao longo do tempo, atitude esta que se intensificou a partir das últimas décadas do século XX. Tanto mais se valorizou o livro quanto mais ele perdeu espaço para a tela, com a qual passou a concorrer ostensivamente. (ZILBERMAN, 2011, p. 83)

Se compararmos a leitura do livro com a da tela, devemos salientar que o livro pressupõe o domínio da escrita e sua aprendizagem envolve diretamente a frequência ao espaço escolar. O processo de deciframento de conteúdos na tela pressupõe a ação do leitor imersivo, terceiro tipo de leitor emergente da proposta defendida por Santaella na sequência de suas contribuições teóricas sobre a navegação no ciberespaço: “aquele que navega entre nós e nexos, construindo roteiros não lineares, não sequenciais.” (SANTAELLA, 2004, p.37)

Num olhar bastante inicial, já se percebe que as competências de um leitor imersivo não dependem apenas da frequência à escola: “a navegação interativa entre nós e nexos pelos roteiros alineares do ciberespaço envolve transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que trazem consequências também para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental.” (SANTAELLA, 2004, p. 34).

As rotas semióticas que podem ser assumidas pelo leitor imersivo são constituídas de múltiplos, infinitos e labirínticos caminhos, que podem ser percorridos e controlados a partir das escolhas feitas pelo leitor, considerando seu potencial cognitivo, sua sensibilidade, e o uso de métodos de busca e de solução de problemas, cuja eficiência não está garantida apenas pela oportunidade de frequentar uma escola.

Em nosso convívio diário e contemporâneo com representantes de distintas gerações, constatamos que é a geração mais jovem, notadamente os nascidos a partir de 1990, a que possui as melhores condições de navegação no ciberespaço, entendido

como “todo e qualquer espaço informacional, multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação.” (SANTAELLA, 2004, p. 45)

Subsídios teóricos permitem um entendimento maior e mais profundo das peculiaridades de um novo campo do saber. É preciso ter em mente a clara relação entre as letras concretas do livro e sua transformação em bites; entre página em branco e o campo do monitor; entre caneta/lápis e teclado; entre a materialidade do texto e a sua virtualidade; entre a aproximação do material de leitura do corpo do leitor e seu distanciamento na virtualidade referida.

O convívio com diferentes tipos de leitor e a observação de seus comportamentos no ato de ler requer o envolvimento com subsídios teóricos com a qualidade e a contemporaneidade dos estudos realizados por Lúcia Santaella, publicados com o título *Navegar no ciberespaço - o perfil cognitivo do leitor imersivo*. Tais estudos permitem que se tenha entendimento profundo em linguagem compreensível das reflexões acerca das concepções atuais da leitura e de seus desdobramentos nos tipos de leitor. Estes sofrem alterações em função das necessidades, das inovações e da velocidade das mudanças praticadas em diferentes contextos. O convívio reflexivo com novos tipos de leitor amplia nosso entusiasmo pela busca de concepções contemporâneas e, ao mesmo tempo, convincentes que norteiam os (des)caminhos da leitura em tempos de ciberespaço, cibercultura, hipermídia.

Práticas leitoras no Mundo da Leitura, na escola e na família

A continuidade do desenvolvimento de práticas leitoras multimídiais com os usuários do Centro de Referência de Literatura e Multimeios, conhecido afetivamente como o Mundo da Leitura, com as devidas mudanças e aprimoramentos efetivos, permite que se possa avaliar o entusiasmo ou a indiferença desses usuários pela leitura, levantar interesses e necessidades e





identificar suas reações na interação com diferentes materiais de leitura apresentados em distintos suportes. Considerando que o tempo de visita é de apenas duas horas, não é possível realizar, de forma mais aprofundada, esse conjunto de avaliações ao lado dos levantamentos referidos.

Em vista do exposto, mais uma vez, a equipe de monitores responsável pela criação das práticas leitoras e pela execução das mesmas com distintos públicos que abrangem alunos da educação infantil à educação superior, sob a orientação de professores do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo, propõe duas etapas no trabalho. A primeira, compõe-se de um conjunto de atividades de leitura a serem desenvolvidas durante a visita ao espaço multimídia, a partir de um foco temático. A segunda, constituída de um maior número de atividades de leitura para serem desenvolvidas, na sequência, no contexto da escola, mais especificamente na sala de aula dos alunos que participaram do desencadeamento das ações leitoras, sob orientação do professor que os acompanhou na visita.

Não podemos nos esquecer de que a diversidade dos materiais de leitura desperta efeitos diferenciados entre os leitores, entre os leitores em formação. Tais possibilidades precisam ser observadas e registradas para que se transformem em subsídios fortes às mudanças imprescindíveis e, também, desejadas. O espaço do Mundo da Leitura e as ações de leitura nele pensadas e realizadas se renovam com a ampliação do interesse dos usuários pelas novas concepções da leitura, pelos novos jeitos de ler. O que se objetiva é criar mecanismos de significação dos conteúdos dos materiais oferecidos aos leitores criando uma consciência sobre sua importância e modalidades de leitura colaborativa.

Embora tenhamos notícias das dificuldades de serem planejadas e executadas ações significativas de leitura pelos professores em geral com seus alunos no espaço da escola, acreditamos que o planejamento de práticas leitoras multimídiais pode mudar essa situação. Embora sejamos, também, informados acerca dos obstáculos existentes na aproximação de integrantes da família às ações desenvolvidas na escola, acreditamos que a criatividade no desenvolvimento de ações interdiscipli-

nares e multimídiais possam mudar esse quadro de indiferença. Em se tratando de ações de leitura, a justificativa emerge com uma certa obviedade: não leitores não conseguem desenvolver comportamentos leitores.

Tais considerações permitem que reiteremos as condições da realidade da leitura no Brasil: há evidências de que não faz parte das preocupações peculiares à família enquanto ferramenta de formação, nem se constitui numa de suas prioridades, se levamos em conta a possibilidade de seus integrantes, em sua maioria, não serem leitores. No contexto da escola, professores em geral, também por não se constituírem em leitores, não têm tratado a leitura como comportamento permanente de transformação pessoal e social do corpo docente e discente. A leitura na escola não emerge de um planejamento global, mas se constitui em ações eventuais, fragmentadas, sobretudo, desvinculadas de um projeto de ascensão social preconizado para o aprimoramento de seus atores.

O diálogo permanente com as escolas por intermédio de encontros com professores, bibliotecários, alunos de distintos anos do Ensino Fundamental que frequentam o Mundo da Leitura, e que, ainda, constituem plateia virtual do programa Mundo da Leitura na TV, apresentado no Canal Futura em quatro edições semanais nacionalmente, permite que se constate um grande entusiasmo pela realização de práticas leitoras multimídiais. Demonstrem esses agentes entusiasmo pelo texto impresso, interesse pelos livros literários que lhes são oferecidos pelo acesso ao acervo do próprio Centro ou que lhes são disponibilizados nas sacolas circulantes, juntamente com outros materiais de leitura selecionados pela mesma equipe. Apresentam, especialmente crianças e jovens, curiosidade inestimável pelas linguagens das novas tecnologias. Demonstrem aproximação com meios de comunicação tão ricos e tão plenos de novidades como o celular, só para citar um exemplo. Esse entusiasmo, entre representantes de classes mais abastadas, começa a ser visualizado, também na manipulação de *tablets*. Deve ser lembrado o fato de que, em 2011, tivemos a realização da 14ª Jornada Nacional de Literatura e a 6ª Jornadinha Nacional de Literatura, cujo tema e singular programação já se constituiu num grande





estímulo à realização das ações propostas - Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias.

O contato com uma nova série de *Roteiros de leitura para a escola II*, publicada pelo Centro de Referência de Literatura e Multimeios, pode provocar algumas indagações: Os objetivos norteadores das atividades desta nova série foram alcançados? O foco temático - Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias - entusiasmou os leitores em formação no desenvolvimento das ações propostas? Os retornos dados por professores e alunos participantes da proposta têm sido suficientes para a sua continuidade? O desenvolvimento de práticas leitoras multimídiais em duas etapas, no espaço do Mundo da Leitura e, posteriormente, na escola estimulou alunos e respectivos professores a se envolverem com a leitura com maior entusiasmo? Que retornos têm sido dados pelos professores e pelos alunos que participaram da primeira série de roteiros a partir do tema Arte e tecnologia: novos desafios? E mais: o que pretendemos efetivamente com o desenvolvimento de práticas leitoras multimídiais? E com a aproximação cada vez maior do leitor em formação com as mídias aprimoradas a curtos espaços pelas novas tecnologias? Quando desejamos que essas práticas estejam a serviço da ampliação do conhecimento e quando da imaginação? Subjaz a todas as propostas a preocupação com o desenvolvimento de uma cidadania crítica?

Enquanto desencadeamos uma reflexão permanente sobre as ações que realizamos, objetivamos, com as contribuições constantes desta publicação dos *Roteiros de leitura para a escola II*, continuar a provocar reflexões entre professores, dirigentes escolares, bibliotecários, agentes culturais, e por sintonia com o mesmo objetivo, entre autoridades educacionais e culturais, entre integrantes da instituição família e da sociedade como um todo sobre a entrada efetiva, visível de diferentes formas, na sociedade do conhecimento, da informação e da comunicação. Continuaremos, portanto, nossa luta pela provocação de inquietações quanto ao universo de possibilidades de leitura existentes em distintos materiais apresentados na diversidade de suportes disponibilizados aos olhos de quem deseja participar dessa sociedade já referida. Nosso propósito

é estimular os sujeitos a vivenciarem experiências de leitura, provocando em cada um novas percepções sobre a leitura e momentos mais prazerosos dedicados ao ato de ler nesse novo contexto da sociedade contemporânea.

A publicação do **Roteiro de práticas leitoras para a escola II** abrange os seguintes módulos: *Artes visuais: explorando os sentidos*, *Quadrinhos: da leitura da imagem ao texto escrito*, *Folclore: resgatando a cultura*, *Redes sociais: o processo de socialização na cultura digital*, *Poesia visual: do impresso ao digital*, *Literatura fantástica: uma viagem ao mundo da imaginação* e *Texto teatral na leitura entre nós*.

Apontamentos sobre a sociedade do conhecimento, da informação e da comunicação

Muitas idéias surgem em nossa mente ao tentarmos caracterizar esse tipo de organização da sociedade. A propósito, o que significa, realmente essa sociedade que caracteriza os tempos atuais? Para Squirra (2005) a Sociedade do Conhecimento pode ser compreendida como sociedade onde o conhecimento é o principal recurso para produção e o principal recurso para criação de riqueza, prosperidade e bem-estar para a população. Por esta razão, o investimento em capital intangível, humano e social é reconhecido como o mais valioso recurso para criação de riqueza. Isto é determinado não pela força de trabalho em si, mas sim em nível científico pelo progresso tecnológico e pela capacidade de aprendizagem das sociedades.

Estudos desenvolvidos pelo autor permitem que, ao considerarmos o potencial e a complexidade desse tipo de sociedade, elaboremos perguntas cujas respostas são determinantes no entendimento dessa organização: quem tem o domínio sobre a mesma? Cabe, sem sombra de dúvida, aos países desenvolvidos o domínio de sua complexidade e da riqueza que envolve. Exclui, certamente, os países pobres econômica, social e culturalmente. Como viver nessa realidade? As possibilidades pressupõem estudos e investigações interdisciplinares aprofundados, com o intuito de compreender a sua essência, entender os fundamen-





tos que a mobilizam, apropriar-se dos mesmos e aproveitar sua riqueza para transformarmo-nos em sujeito consciente de sua abrangência e de seus desdobramentos.

A sociedade do conhecimento ultrapassa a internet e tem como principal componente a informação, a complexidade quantitativa e qualitativa da informação que se destina à comunicação. Nem todos têm acesso a essas informações que podem se transformar em diferentes tipos de riqueza. Entre as perguntas para as quais buscamos resposta efetiva, encontra-se a seguinte: Como poderemos ser incluídos ou mesmo como poderemos pertencer a essa sociedade? Esse pertencimento implica ter acesso às fontes, aos meios de informação e às formas de veiculação da mesma. E ainda, implica ter o domínio desses meios e da complexidade das formas de veiculação dessa informação no viés das mídias entendidas no contexto das inovações tecnológicas, do conhecimento em rede. Implica, ainda, não apenas conhecer as formas de emergência da informação, mas conhecer os seus mecanismos de difusão, as modalidades de aplicação da informação e a necessidade de a mesma ser filtrada em meio à avalanche em que se apresenta a cada um e a todos.

Isto posto, podemos afirmar que o investimento em leitura assume proporções infinitas entre leitores que passam a ter acesso à sociedade do conhecimento, da informação, da comunicação e conseguem participar da mesma ativamente. Por intermédio da leitura, crianças, jovens, adultos podem assumir, de forma gradativa, patamares de criticidade na condução de suas vidas e na atuação em diferentes grupos sociais. Onde podem assumir, inclusive e especialmente, comportamentos mutáveis em função da velocidade das mudanças nas inovações tecnológicas as quais promovem, aceleradamente, transformações determinantes de novos comportamentos individuais e sociais.

Considerações finais

Embora se divulgue que avaliações externas do desempenho de leitura entre jovens como o PISA têm chamado a atenção de autoridades educacionais sobre necessárias e urgentes mudanças a serem implementadas na escola brasileira, não podemos afirmar que crianças e jovens não leem nem escrevem. Nunca se leu tanto e tão diversificadamente. Nunca se escreveu tanto, considerando que cada um e todos os referidos, especialmente os jovens, revelam domínio de códigos empregados na escrita distantes da natureza e das exigências da escrita formal. É a situação desenvolvida entre os interlocutores das redes sociais de relacionamento, onde se constata a comunicação de um para um, de um para muitos, de muitos para muitos, de muitos para um. Há um completo estar à vontade na intenção de comunicar-se. Há uma necessidade de colocarem-se esses jovens como pontos de rede, atraindo, cada vez mais, novos interlocutores, empregando linguagens variadas, recursos visuais e auditivos em cada situação comunicativa, revelando domínio das ferramentas tecnológicas. Cabe ao professor o desenvolvimento de ações formativas desses jovens, a articulação de ações coletivas e de escritas colaborativas o que não está acontecendo no momento atual, observando-se a indiferença que, especialmente os jovens, demonstram em relação à escola, no que diz respeito à sua relação com os professores, coordenação pedagógica, serviço de orientação educacional, direção. Há que se referir, ainda, o distanciamento de um número significativo de docentes das ferramentas eletrônicas disponíveis para a qualificação do ensino e para a ampliação do nível de satisfação dos alunos na aprendizagem formal.

Justifica-se tal comportamento pelo fato de essas lideranças educacionais não estarem preparadas para manipular especialmente as ferramentas de domínio dos alunos. Assim, em vez de o corpo docente exercer a liderança no desenvolvimento do processo educacional, professores estão sendo arrastados pela ação rápida e inovadora do corpo discente, navegando por águas desconhecidas, sem acesso à complexidade das informações disponíveis na chamada nuvem.





Os módulos que compõem esta publicação, resultantes de ações programadas com muito rigor pela equipe responsável pelas ações do Centro de Referência de Literatura e Multimídias, demonstram diferentes modos de ler, do impresso ao digital, passando por manifestações culturais desenvolvidas em linguagens de natureza diversa, apresentadas em suportes os mais variados. São práticas leitoras que podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da cidadania a partir do acesso à informação, da transformação dessa informação em conhecimento na tomada de decisões críticas pelos leitores de diferentes faixas etárias, usando o potencial de mídias. Constituem mais um desafio ao professor, à professora, aos alunos, aos integrantes da família, propiciando a cada um a emergência de diferentes tipos de leitor, sintonizados pelo prazer da leitura enquanto instrumento de desenvolvimento e de aperfeiçoamento pessoal e profissional.

Cabe-nos agradecer o apoio da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - que permitiu a publicação desta obra, viabilizando sua divulgação entre alunos e professores de cursos de pós-graduação, atingindo, inclusive, cursos de graduação e o Ensino Básico, contribuindo com a qualificação das discussões nesses níveis de ensino, destacando nosso compromisso em propor ações que possam estimular mudanças no processo educacional brasileiro.

Referências

ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, António (org.) *Profissão professor*. Porto - PT: Porto Editora, 1999.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2004.

SQUIRRA, Sebastião. Sociedade do conhecimento. In: MARQUES DE MELO & SATHER (orgs.) *Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação*. São Bernardo do Campo: Editora da UESP, 2005.

ZILBERMAN, Regina. A tela e o jogo: onde está o livro? In: MARTINS, Aracy A., MACHADO, Maria Zélia V., PAULINO, Graça, BELMIRO, Célia Abicalil (orgs.) *Livros & Telas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

http://www.eulaks.eu/concept.html?_lang=pt. Acesso em: 18 out. 2011.





Introdução

A criança, ao entrar na escola, possui um conhecimento elementar sobre o mundo que a rodeia, portanto, sua aprendizagem inicia-se muito antes da aprendizagem escolar. Logo, o conhecimento prévio dos alunos deverá ser acionado em sala de aula, pois é com base nesse conhecimento que o aprendizado na escola fará sentido e contribuirá para o seu crescimento social e intelectual. Para Vygotsky (2003) a aprendizagem é sempre mediada, o homem não se relaciona diretamente com o mundo. Os signos, por meio das diferentes linguagens - cinematográfica, coreográfica, verbal, plástica, teatral - seriam formas de mediar a leitura. Por intermédio da leitura o leitor significa os textos com os quais se envolve, permitindo-lhe fazer relações com o que ele já conhece, não importando a natureza verbal ou não verbal do texto.

Sabemos das dificuldades da escola em trabalhar com outras linguagens que não a linguagem verbal oral ou escrita, no entanto crianças e adolescentes são assediados diariamente com desenhos animados, filmes, telenovelas, propagandas, *outdoors*, revistas de folhetim, videogames, internet. Por isso, ao pensarmos uma atividade de leitura temos como preocupação introduzir informações que possam ir além dela própria, ou seja, que crianças, adolescentes e adultos desenvolvam competências para entender, analisar e criticar a imensidão de informações que estão presentes no seu dia-a-dia, mas que não fazem parte dos currículos escolares.

A leitura de imagens, por exemplo, nos remete ao enfoque semiótico, pois ao propormos a sua leitura temos que levar em consideração o significado da imagem, a sua descrição objetiva, ou seja, aquilo que se vê: personagens, ações, tempo espaço, entre outros e, também realizar a leitura subjetiva, ou seja, a compreensão e a interpretação do leitor a partir do seu entendimento dos signos contidos na imagem.

No que diz respeito a esse subjetivismo, o escritor e pesquisador Alberto Manguel (2001, p.24) propõe uma leitura que parta das emoções do leitor “nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva, exclusiva, pois o que vemos é sempre





uma leitura que parte das emoções do leitor: ou seja, de como as emoções do leitor afetam e são afetadas pela leitura das imagens”.

Nesse sentido a linguagem dos quadrinhos, a qual trabalha com o verbal e o visual, sendo perceptível a ênfase à imagem em detrimento do texto escrito, permite às crianças que ainda não apresentam competência verbal realizar a leitura de histórias em quadrinhos com facilidade. Elas despertam, assim, o interesse pela leitura a partir de cores e formas, pela brincadeira com as palavras e imagens, e criam uma maior afinidade pelos livros por meio da diversão.

Outro atrativo da linguagem quadrizada é sua diversidade temática que possibilita a criança remeter-se a tempos longínquos, mágicos, fantasmagóricos, oníricos, em meio a bruxas, fadas, ogros, ou, ainda, a uma nave espacial para um futuro de guerras intergalácticas, raios laser, robôs, escudos magnéticos.

Nestes aspectos, as histórias em quadrinhos do escritor e cartunista Ziraldo ganharam destaque devido à qualidade da ilustração, do texto e da história, que emocionam, até hoje, crianças, jovens e adultos. Dentre suas obras de grande destaque está *O Menino Quadrado*, lançado em 1989. Na prática leitora do Mundo da Leitura direcionada aos alunos de 1º e 2º anos do ensino fundamental e aplicada durante o ano de 2011, apresentou-se a obra *Menino quadrado*, enfatizando as diferenças entre palavras e imagens. Cumpre-nos salientar que as imagens para serem compreendidas, correspondem, sobretudo, a representações figurativas, não necessitam da educação formal, enquanto que as palavras exigem um esforço maior que resulta da necessidade de decodificar os símbolos abstratos da linguagem.

Prática leitora no Mundo da Leitura

Materiais e recursos

Livro *O Menino Quadrado* (Melhoramentos), de Ziraldo.
Imagens escaneadas do livro *O Menino Quadrado*.
Computador com acesso à internet e projetor multimídia.

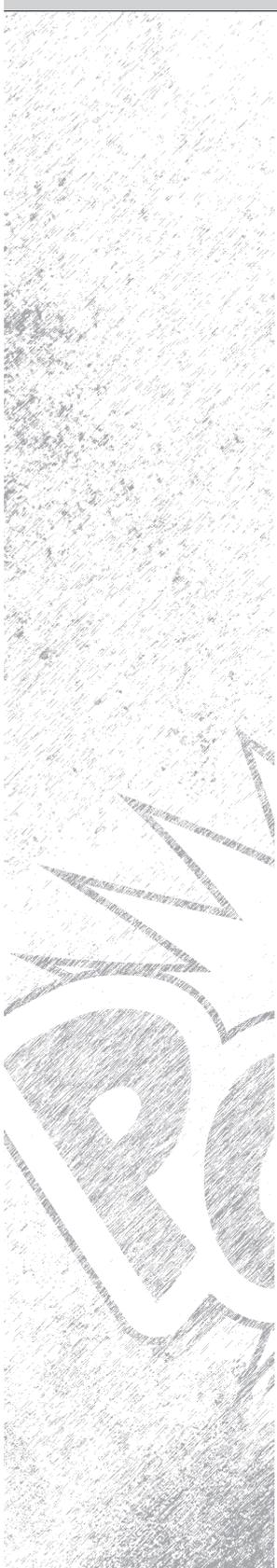
Etapas propostas

1. Recepcionar os alunos apresentando o espaço do Mundo da Leitura.
2. Apresentar o escritor e cartunista Ziraldo.

Ziraldo Alves Pinto nasceu no dia 24 de outubro de 1932, em Caratinga, Minas Gerais. Começou sua carreira nos anos 50 em jornais e revistas de expressão, como *Jornal do Brasil*, *O Cruzeiro*, *Folha de Minas*, etc. Além de pintor, é cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritor.

A fama começou a vir nos anos 60, com o lançamento da primeira revista em quadrinhos brasileira feita por um só autor: **A Turma do Pererê**. Durante a Ditadura Militar (1964-1984) fundou com outros humoristas **O Pasquim** - um jornal não-conformista que fez escola, e até hoje nos deixa saudades. Seus quadrinhos para adultos, especialmente **The Supermãe** e **Mineirinho - o Comequieto**, também contam com uma legião de admiradores. Em 1969 Ziraldo publicou o seu primeiro livro infantil, **FLICTS**, que conquistou fãs em todo o mundo. A partir de 1979 concentrou-se na produção de livros para crianças, e em 1980 lançou **O Menino Maluquinho**, um dos maiores fenômenos editoriais no Brasil de todos os tempos. O livro já foi adaptado com grande sucesso para teatro, quadrinhos,





ópera infantil, videogame, Internet e cinema. Os trabalhos de Ziraldo já foram traduzidos para diversos idiomas, como inglês, espanhol, alemão, francês, italiano e basco, e representam o talento e o humor brasileiros no mundo. Estão até expostos em museu! Ziraldo ilustrou o primeiro livro infantil brasileiro com versão integral on-line, em uma iniciativa pioneira. Conheça mais detalhes sobre a sua biografia e visite a sua galeria de fotos.

Fonte: www.ziraldo.com.br

3. Perguntar aos alunos se conhecem alguma obra do autor, seja por meio da televisão, filmes ou através dos próprios livros.

4. Destacar, dentre as obras do autor, o livro *O Menino Quadrado*.

História de um menino que morava dentro de uma história em quadrinhos e que dela tudo conhecia. Contudo, certo dia, o menino acordou muito confuso e se deparou em um universo totalmente distinto do qual estava inserido, o reino das palavras e aos poucos ele foi entendendo deste novo universo em que estava vivendo.

Fonte: www.ziraldo.com.br

5. Projetar a capa do livro para que os alunos a observem por alguns instantes. Em seguida fazer questionamentos como:

- Por que o livro recebe o título de *O Menino Quadrado*?
- Que elementos verbais e não verbais compõem essa capa?
- Que história esse livro poderia contar?

6. Ressaltar as várias características da capa do livro que o identificam como sendo uma história em quadrinhos: a presença de retículas, balões (presentes em histórias em quadrinhos) e até mesmo o fato de a capa ser um quadrinho.

7. Realizar a apresentação do livro *O Menino Quadrado* e propor a leitura coletiva da obra.

8. Solicitar que os alunos contribuam com a leitura das imagens, compartilhando suas interpretações e percepções. Ao término da leitura, indagar as crianças sobre o desfecho da história.

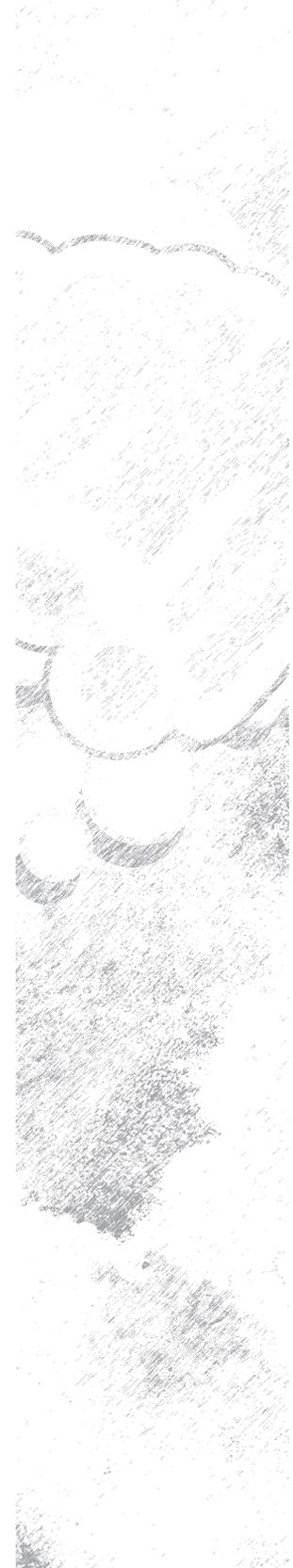
9. Concluir questionando os alunos sobre a transição que o Menino Quadrado passa ao envolver-se com o reino das palavras e perguntar se eles sentem que estão passando pelo mesmo processo ou se recordam de ter passado.

10. Encaminhar os alunos ao Mundo Virtual, espaço do Mundo da Leitura, e apresentar o jogo *Lugar de panela é... Na cabeça!*, disponível no site do *Menino Maluquinho*, http://omeninomaluquinho.educacional.com.br/jogos/lugardepanela_menu.asp.





Registro iconográfico





Prática leitora na escola

Atividade 1: Reconhecendo a linguagem quadrinizada

Objetivo

Identificar os diferentes usos de balões nas histórias em quadrinhos, percebendo sua importância para a construção de sentido na história.

Materiais e recursos

Materiais de uso comum.

Histórias em quadrinhos de diferentes formatos (livros, gibis, tiras).

Revistas e jornais.

Etapas propostas

1. Disponibilizar aos alunos histórias em quadrinhos.

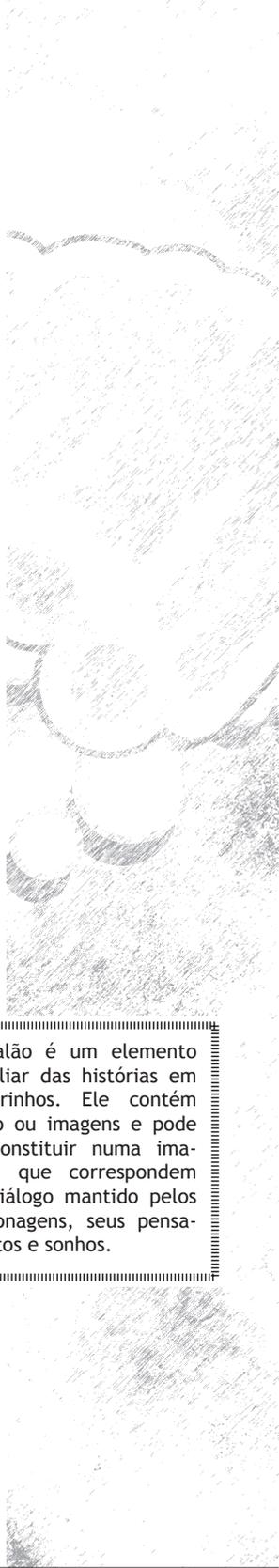
2. Realizar os seguintes questionamentos:

a) Como vocês reconhecem as histórias em quadrinhos?

b) Quais são os personagens de que vocês mais gostam?

c) Como os personagens se comunicam nas histórias em quadrinhos?

3. Informar que a história em quadrinhos é uma narrativa contada por meio de imagens e textos, sendo as falas inseridas dentro de balões.



O balão é um elemento peculiar das histórias em quadrinhos. Ele contém texto ou imagens e pode se constituir numa imagem, que correspondem ao diálogo mantido pelos personagens, seus pensamentos e sonhos.

4. Apresentar alguns exemplos de balões que são mais comuns nas histórias em quadrinhos e explicar o que cada um deles representa/significa na fala dos personagens.



5. Solicitar que os alunos recortem de revistas imagens de pessoas. Após, propor que criem balões que correspondam à expressão da pessoa ou o que ela pode estar sentindo.

Atividade 2: Os quadrinhos como uma arte sequencial

Objetivo

Compreender o significado de arte sequencial.

Materiais e recursos

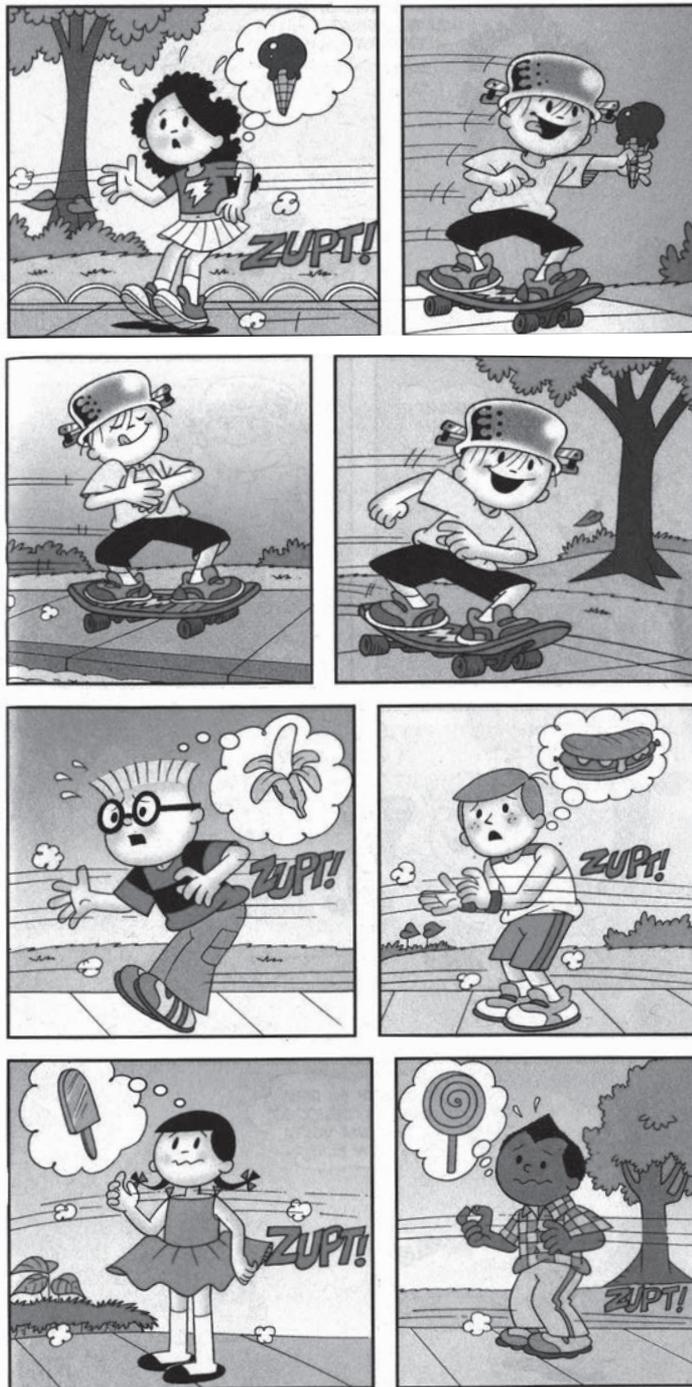
Projektor multimídia.

Imagens escaneadas do gibi *O Menino Maluquinho*, de Ziraldo.

Etapas propostas

1. Escolher três quadrinhos da seguinte história do Menino Maluquinho:







2. Com o auxílio de um projetor, apresentar os três quadros.

3. Solicitar para que façam a leitura das imagens, instigando-os com as seguintes questões norteadoras:

a) Que personagem está representado na imagem?



b) Vocês sabem dizer o que está acontecendo nesse quadrinho?

4. Solicitar que descrevam o que está acontecendo em cada quadrinho da história. Comentar que a leitura das histórias em quadrinhos deve ser feita da esquerda para a direita e de cima para baixo. Existem, no entanto, outras formas de lê-las, como é o exemplo dos mangás, quadrinhos japoneses lidos da direita para a esquerda, ou seja, o contrário da leitura ocidental.

5. Explanar que as histórias em quadrinhos precisam ser analisadas, observando a sequência e não somente os quadrinhos de forma isolada para entendê-la.

6. Apresentar novamente aos alunos a história do Menino Maluquinho, mas desta vez, completa. Solicitar que socializem seu entendimento da história.

7. O professor irá disponibilizar aos alunos uma folha que contenha três quadros. Propor que façam uma história com início, meio e fim, contando, por meio de quadrinhos, algo que aconteceu na escola, no ambiente familiar ou no bairro em que moram.

Atividade 3: Identificando as onomatopeias

Objetivo

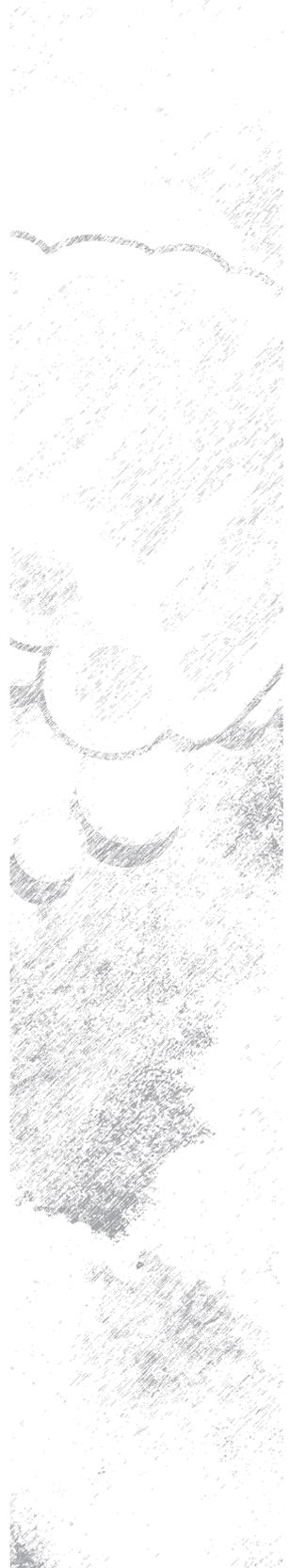
Conhecer a linguagem quadrinizada, destacando as onomatopeias.

Materiais e recursos

História *A Turma do Pererê - Tininnim, o Galã*, de Ziraldo.
Computador com acesso à internet.
Projeter multimídia.

Etapas propostas

1. Apresentar aos alunos algumas histórias em quadrinhos em que apareçam onomatopeias.
2. Explicar que as onomatopeias são representações, por meio de palavras, de sons, sejam eles de elementos da natureza ou produzidos pelas pessoas.
3. Apresentar o significado de algumas onomatopeias como: Toc Toc (quando alguém bate na porta), Click (estalar/desligar), Crash (colidir/bater), Sniff (chorar).
4. Mostrar algumas imagens do livro *A turma do Pererê*, de Ziraldo e solicitar que os alunos destaquem as onomatopeias.





5. Exibir o episódio da série *O espetacular homem aranha*, disponível no *Youtube* <http://www.youtube.com/watch?v=2Gjt-oXLuHw>.

6. Comentar que o personagem Homem Aranha tem origem nos quadrinhos, assim como a turma do Pererê, de Ziraldo.

7. Solicitar que representem uma cena de que gostaram do desenho utilizando as onomatopeias.





Atividade 4: Os sentidos das palavras

Objetivo

Compreender o duplo sentido de palavras como agente de humor em histórias em quadrinhos.

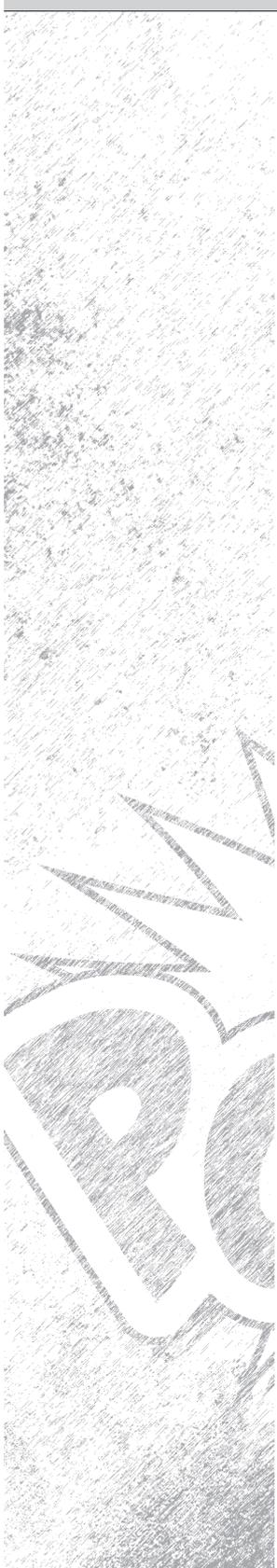
Materiais e recursos

Tira do Menino Maluquinho: *Enquanto o sono não chega* (Globo), de Ziraldo.

Etapas propostas

1. Mostrar os quadrinhos da tira um de cada vez.





2. Solicitar que os alunos façam a leitura do primeiro quadrinho da tira e descrevam o que está acontecendo.

3. Salientar o que está escrito na placa que aparece na imagem do quadrinho.

4. Acrescentar o segundo quadrinho da tira e solicitar que façam a leitura da fala do outro personagem.

5. Observar se os apontamentos feitos anteriormente ainda continuam os mesmos e comentar a presença de mais um personagem.

6. Instigar a participação da turma com algumas questões norteadoras:

a) O que vocês acham que o Menino Maluquinho está fazendo?

b) O que ele está vendendo?

c) Será que a palavra “vendas” pode ter algum outro significado? Qual?

7. Mostrar o último quadrinho e questionar se o significado de “vendas” continua o mesmo ou se mudou.

8. Comentar que algumas palavras dependendo do contexto podem adquirir significados diferentes, solicitando que os alunos tragam outros exemplos.

9. Explicar que só existe humor na tirinha devido a esse duplo significado, caso contrário ficaria sem sentido.

10. Solicitar que os alunos tragam histórias em quadrinhos que contenham outras tiras ou histórias com uma palavra que pode apresentar dois ou mais sentidos e organizar um mural na sala de aula.





Atividade 5: Linguagem verbal e não verbal

Objetivo

Interpretar textos que se apropriam das linguagens verbal e não-verbal para construção de sentido.

Materiais e recursos

Computador com acesso à internet.

Projektor multimídia.

História *As melhores tiras do Menino Maluquinho* (L&PM), de Ziraldo.

Etapas propostas

1. Apresentar a seguinte história em quadrinhos aos alunos.



2. Solicitar aos alunos que observem as ilustrações da história (linguagem não-verbal).

3. Fazer alguns questionamentos, como por exemplo:

a) É possível compreender a mensagem que os quadrinhos querem transmitir observando somente a ilustração?

b) Vocês conseguiriam deduzir o que poderia estar escrito neles?

4. Propor aos alunos que criem textos para os personagens (linguagem verbal). Depois de concluídos os textos, apresentar a história com as falas originais dos personagens e convidar os alunos a compararem com a produção deles.



5. Apresentar aos alunos Charlie Chaplin, ator do cinema mudo que se comunicava por meio de mímica.

6. Exibir trecho do filme *Tempos Modernos*, disponível no YouTube <http://www.youtube.com/watch?v=Zv70H6mVK1U>.

7. Solicitar aos alunos uma breve descrição da cena do filme exibida.

8. Propor aos alunos que façam grupos de no máximo quatro componentes para fazer um teatro de mímica, utilizando a linguagem não verbal. Ao final das apresentações, os alunos podem revelar o que eles estavam tentando representar para os demais colegas.





Referências

GOIDA. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1990.

IANNONE, Leila Rentroia. *O mundo das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PINTO, Ziraldo Alves. *O menino maluquinho: as melhores tiras*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Ângela (orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

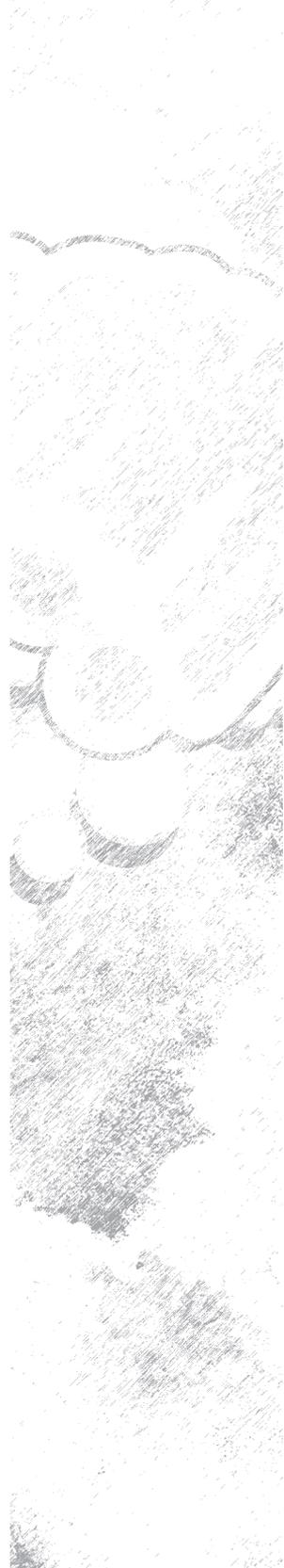
VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Ângela (orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.). *Quadrinhos na educação*. São Paulo: Contexto, 2009.

VYGOTSKI, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Ziraldo. *O menino quadradinho*. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

<http://www.ziraldo.com.br/>





Sugestões de leitura

Livros

ACEVEDO, Juan. *Como fazer histórias em quadrinhos*. São Paulo: Global Editora, 1990.

O autor organizou uma oficina de quadrinhos para crianças e, com base nessa experiência, ensina no livro os fundamentos práticos da HQ.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995.

Artista e roteirista premiado, McCloud analisa profundamente a estética e a semiologia dos gibis.

MOYA, Álvaro. *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

Em 34 artigos, o professor da Escola de Comunicações e Artes da USP descreve mais de 160 anos de evolução dos quadrinhos no mundo, desde seus precursores até o cenário atual.

FEIFFER, Jules. *O homem no teto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Romance juvenil sobre um garoto que sonha ser quadrinista, mas não conta com o apoio dos pais.

CIRNE, Moacy. *A linguagem dos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

Estudo detalhado das criações de Mauricio de Sousa e de Ziraldo.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Eisner, lenda viva entre os fãs do gênero, dissecou a estrutura narrativa das HQs e sugere a aplicação dos quadrinhos em outros setores, como a educação.



DUARTE, Marcelo. *Super-heroi você ainda vai ser um.* São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

O divertido jornalista revela os segredos dos personagens mais musculosos e poderosos dos quadrinhos.

Audiovisuais

PERSÉPOLIS. Direção de: Vincent Paronnaud e Marjane Satrapi. Produção: Xavier Rigault e Marc-Antoine Robert. Roteiro: Vincent Paronnaud. França: Europa Filmes / Sony Pictures Classics, 2007. 1 DVD.

O filme retrata, do ponto de vista de uma menina de dez anos, a chegada de um regime tirano islâmico e a acompanha até seus 22 anos, quando é expatriada. Persépolis é um filme francês de animação de 2007, baseado no romance gráfico autobiográfico homônimo de Marjane Satrapi.

O MENINO QUADRADINHO. Direção de: Diego Lopes. Roteiro: Diego Lopes e Halina Paganelli Silva . Brasil: Oger Sepol Produções e Digital Spirit Animation, 2006.

O curta-metragem “O Menino Quadrado” é baseado na obra homônima do autor Ziraldo. “O Menino Quadrado” apresenta diferentes propostas de linguagem. É uma mescla de formatos, com recursos de filmagem e de animação em 2D e 3D.

Do papiro à tela do computador. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=50432>. Acesso em: 4 jan. 2011.

A escrita e as imagens nos meios de comunicação. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=50453>. Acesso em: 4 jan. 2011.

Traz as diferentes formas de abordar o mesmo tema, a associação entre texto e imagem.

Caminhos para ler o mundo. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=51464>. Acesso em: 4 jan. 2011.

Fala sobre o caminho, as imagens que encontramos no caminho e como desenvolver a leitura, técnicas de leitura.

Da imagem ao verbo. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=50516>. Acesso em: 4 jan. 2011.

Discorre sobre o uso do Gibi na sala de aula, a análise da linguagem verbal e não verbal e ensina como fazer histórias em quadrinhos.

Internet

RADAR CULTURA. *Entrelinhas - história em quadrinhos é literatura?* Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=auCie_T6Mec>. Acesso em: 4 jan. 2011.

Entrevista com o jornalista Paulo Ramos e o dono da livraria HQMixdois. Ambos são especialistas na área dos quadrinhos e respondem a seguinte pergunta: “História em quadrinhos é literatura?”.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. Direção: Rogério Sganzerla e Álvaro de Moyá. Cinemateca Brasileira, 1969. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=J1MaQtrRDag>>. Acesso em: 4 jan. 2011.

Documentário que narra a evolução dos quadrinhos desde as pinturas rupestres quadro a quadro.





RAMOS, Paulo. *Blog dos quadrinhos.* Disponível em: <<http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 4 jan. 2011.

Blog com diversas informações nas diferentes áreas relacionadas aos quadrinhos. É atualizado por Paulo Ramos, um jornalista e professor universitário de 36 anos.

HEINE, Evelyn. *Como fazer uma história em quadrinhos.* Disponível em: <<http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos-txt.html>>. Acesso em: 4 jan. 2011.

Dicas de Evelyn Heine, que trabalhou como roteirista de histórias em quadrinhos da Editora Abril, na redação Disney e editora de revistas como: Pato Donald, Zé Carioca, Tio Patinhas e Mickey.



